

A 5.^a Conferência Europeia dos Escuteiros e Guias

POR CARLOS ALBERTO PEREIRA (DIRIGENTE DO CNE)

Ofir foi o palco do mais importante acontecimento escutista europeu do ano de 1986 – a 5.^a Conferência Europeia dos Escuteiros e Guias, a assembleia máxima destes movimentos que se reúne de 3 em 3 anos, fruto de uma candidatura apresentada e aprovada em Itália, em 1983. É verdade que inicialmente esteve projetada para se realizar na zona do Oeste, mas fruto de negociações apertadas para a escolha do hotel, Ofir ofereceu um preço imbatível, graças à intervenção do diretor do Campo Escola de Fraião, o dirigente Dr. Manuel Faria. Por causa desta alteração, em março de 1985, o chefe nacional adjunto do CNE foi substituído na equipa de preparação pelo secretário

nacional pedagógico e ex-chefe do Núcleo de Braga.

A organização técnica da Conferência, sob a supervisão permanente dos executivos regionais europeus Patrick McLaughlin (escuteiro) e Anne Greenan (guia), foi levada a cabo por um comité nacional, assim constituído:

- Associação das Guias de Portugal: Midá Rodrigues – presidente e Maria Teresa Morbey Affonso – hotel;
- Associação dos Escoteiros de Portugal: António Conde – passeios e visitas e Pedro Oliveira – transportes e programa para cônjuges;
- Corpo Nacional de Escutas: Francisco Sousa Dias – Finanças e Carlos Alberto Pereira – Programa.



A este comité associou-se ainda um grupo de 21 jovens, 7 de cada associação, oriundos de todos os distritos do país, que apoiavam os trabalhos da Conferência, além de uma equipa de comunicação e outra de secretariado e ainda uma médica permanente.

O tema central desta Conferência era: Escuteiros e Guias face aos problemas atuais que se desdobrava em três subtemas: I – Media e Relações Públicas; II – Evolução do papel da mulher e do homem; III – Escutismo e Guidismo para os menores de 8 anos.

Sendo criados 6 grupos de trabalho: A – Formação; B – Relações pan-europeias; C – Dimensão espiritual; D – Desenvol-

vimento comunitário; E – Adolescentes; F – Instituições europeias.

Além disso, havia também a eleição do novo Comité Europeu e o CNE tinha um candidato, o dirigente João Paulo Feijó, chefe do departamento nacional de formação, que não viria a ser eleito. Mas, graças ao êxito da organização, o novo Comité escolheu este dirigente para presidir ao grupo de trabalho europeu sobre formação, tendo sido cooptado, no primeiro semestre de 1988, para membro do Comité, e escolheu ainda o assessor do Secretário Nacional Pedagógico e chefe do Núcleo de Braga, António José Osório, para integrar o grupo de trabalho europeu sobre questões do ambiente.

O Fogo de Conselho no Escutismo

POR JOAQUIM DUARTE GONÇALVES (DIRIGENTE DO CNE)

Aproveitando a definição de, Léon Chancerelle: O Fogo de conselho, «É a transição entre o dia e a noite; a passagem da atividade ao repouso». É, pois, uma atividade que procura encontrar o equilíbrio entre o «ativismo» esgotante dum dia cheio de empreendimentos e a necessidade que cada alma tem de se recolher e de se fortalecer.

Prepara cada um para o repouso reparador e bem ganho que se aproxima...Uma reunião são para rir, cantar e jogar alegremente em ambiente fraternal à volta do fogo, no fim de um dia gasto e bem preenchido; recolhimento e entrada de cada qual

em contacto direto com Deus para Lhe agradecer e Lhe pedir ajuda e bênção para o trabalho.

Este caráter profundamente religioso é o essencial dos nossos fogos. Existe em primeiro lugar para nós, escuteiros, a fim de nos conduzir calmamente ao sono! E os espectadores? Sim, eles têm lugar nos nossos fogos, e é também para eles e por causa deles que nós os realizamos, com finalidade missionária! Mas a primeira intenção dos nossos fogos não é para divertir esses espectadores, mas sim criar esta atmosfera de distração, de calma, de serenidade entre nós.

O nosso fogo escutista

não é então teatro? Não. É um espetáculo vulgar? Ainda menos; é mais e melhor que isso. «Uma reunião de amigos que viveram o mesmo dia, que participaram nas mesmas atividades. Esta comunidade assim constituída difunde, por todos e a ca-

da um, uma boa hora de alegria pura e são, que os conduz por gradações sucessivas à meditação final do dia. Assim, no fogo de conselho, não há atores, nem espetadores; há participantes.»

Os que assistem devem ser metidos no desenvol-

vimento do próprio fogo e nele participar com o seu contributo real. Eis porque o nosso fogo não deve ser preparado como o é um ato de variedades. As fontes da nossa inspiração devem ser lendas da nossa terra, o folclore regional, os episódios histó-

ricos, simples e romanescos, fantasiados e ornados com a nossa imaginação e bom gosto. Assim, a nossa assembleia vespertina será uma celebração aberta, largamente acolhedora a todos e para todos!

No nosso fogo cada um procurará dar o mais que pode de si mesmo. Evitar sempre a falta de delicadeza e a vulgaridade. Os vários números devem desenvolver-se em nível elevado, artístico, atingindo o «belo», que faça exclamar as pessoas de alegria e felicidade por estarem presentes. Através do bom gosto e da alta qualidade neles manifestados, nós irradiaremos a alegria que nos une a todos.

